

Inversões de perspectivas sobre nossas histórias: viradas epistemológicas

Inversions of perspectives on our stories: epistemological turns

Rossana Brandão Tavares^a, Mariana Cristina de Souza Pio^b e Livia dos Santos Sacramento^c

^aEscola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, , rossanatavares@id.uff.br,

^b Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, , marianapio@id.uff.br e

^c Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, , liviasacramento@id.uff.br

Como citar: Brandão Tavares, Rossana; Souza Pio, Mariana C. e Santos Sacramento, Livia dos. (2024). Inversões de perspectivas sobre nossas histórias: viradas epistemológicas. Em livro de actas: *ICAG 2023 - VI International Conference on Architecture and Gender*. Valencia, 3-6 October 2023. <https://doi.org/10.4995/ICAG2023.2023.16817>

Abstract

The history of women architects has been a source of interest for many investigations to give visibility to our contributions as professionals and academics. This history is not reduced to the construction of practices into traditional professional environments and universities, but also in relation with women who make history on a day-to-day basis in cities. In this sense, it is significant to look at women's stories, in the present time, which is very much contributing to inversions of theoretical perspectives and practices, rooted in the feminine daily life. Thus, the objective of this article is to present preliminary results of analysis and research syntheses in Rio de Janeiro, on encounters between trajectories of women's homes, residents of the Rio de Janeiro port area, and us, researchers from the field of Architecture. We show reflections derived from extension research activities, located in intersectional approaches, giving centrality to social reproduction in the urban life of women. The movement of perspective inversions on our histories with a view to epistemological turns in Architecture, has led us to experiment the production of cartographies supported by lived experiences, narrated by women, linked to reflections on their respective housing trajectories.

Keywords: housing trajectories, women, social reproduction, history of the present time, cartographies

Resumo

A história das mulheres arquitetas tem sido fonte de interesse de muitas pesquisas para dar visibilidade às nossas contribuições como profissionais e acadêmicas. Essa história não se reduz a construção de práticas circunscritas aos ambientes tradicionais da profissão e das universidades, mas também na relação com mulheres que fazem história no dia-a-dia das cidades. Nesse sentido, é significativo mirar para histórias de mulheres, no tempo presente, que tem muito a contribuir para inversões de perspectivas e práticas teóricas, enraizadas no cotidiano feminino. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar resultados preliminares de análise e sínteses de investigação no Rio de Janeiro, sobre encontros entre trajetórias de moradia de mulheres, moradoras da área portuária carioca, e nós, pesquisadoras do campo da Arquitetura. Mostramos reflexões derivadas de atividades de pesquisa extensionista, situadas em abordagens interseccionais, dando centralidade a reprodução social na vida urbana das mulheres. O movimento de inversões de perspectivas sobre nossas histórias com vistas a viradas epistemológicas em Arquitetura, tem nos conduzido a experimentação de produção de cartografias apoiada nas experiências vividas, narradas pelas mulheres, ligadas às reflexões sobre suas respectivas trajetórias de moradia.

Palavras-chave: *trajetórias de moradia, mulheres, reprodução social, história do tempo presente, cartografias*

1. Introdução

A história das mulheres arquitetas no mundo, assim como de outros campos do conhecimento, tem sido fonte de interesse de muitas pesquisas para dar visibilidade às nossas contribuições e trajetórias como profissionais e acadêmicas. Enquanto isso, muitas estão fazendo *história no tempo presente* à luz das contradições e naturalização das invisibilidades e indiferenças impostas pelo patriarcado. E essa história não se reduz a uma construção de práticas que se contornam apenas aos ambientes tradicionais da profissão e das universidades. Essa história é construída na relação com outros sujeitos sociais, com mulheres que também fazem história no dia-a-dia de nossas cidades. Nesse sentido, o que está em jogo não é apenas como a história do passado está sendo apresentada, reconstruída e recontada, tendo o foco nas mulheres arquitetas, mas como também é significativo mirar para histórias, no tempo presente, de mulheres que tem muito a contribuir para outras formas de produção do conhecimento e práticas teóricas.

Marieta Ferreira explica em *História do tempo presente: desafios* de 2000¹, que há uma virada na historiografia nas últimas décadas do século XX, quando começa-se a valorizar situações vividas no presente, dando importância às experiências individuais, com intuito de romper com o determinismo histórico, reconhecendo a construção dos sujeitos sobre a sua identidade, memória e narrativas sobre a realidade vivida. A expressão “tempo presente” refere-se a um campo de estudos históricos, cujo objetivo é dar destaque às demandas sociais diante das disputas de narrativas sobre versões ou até mesmo significados sobre assuntos socialmente relevantes na contemporaneidade. Nesse sentido, registros de memórias individuais e coletivas são consideráveis na história do tempo presente, isso porque, no momento que articulamos memória e história, estamos qualificando e reconhecendo o valor das subjetividades sobre as leituras que são expressas através da memória.

Com isso, pareceu-nos lógico focar os caminhos da investigação por este viés, através de uma abordagem cujas premissas partem das contradições entre o debate acerca da vida das mulheres nas cidades, a partir das atividades da *reprodução social*, e a problemática da moradia popular. Assim, o objetivo deste artigo é apresentar resultados preliminares de análise e sínteses de investigação, sobre encontros entre trajetórias de moradia de moradoras da área portuária carioca, e nós, pesquisadoras do campo da Arquitetura, para a contribuição de um giro ou viradas epistemológicas que levem em conta as contradições da reprodução social na vida urbana das mulheres. Isso que estamos chamando de *encontro* é uma forma de aproximar olhares entre as histórias das mulheres “sujeitas da investigação”, como afirma Grada Kilomba em *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* de 2019², ou seja, não só as

¹ Marieta de Moraes Ferreira, *História do tempo presente: desafios* (Petrópolis: Cultura Vozes, 2000), 7.

² Grada Kilomba, *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019).

pesquisadoras acadêmicas são reconhecidas como tal, mas também as mulheres moradoras da área portuária carioca, com as quais encontramos no processo de pesquisa.

Assim, entendemos que a realização do processo de investigação, sendo pesquisadoras e arquitetas³, não está apartada de um projeto político emancipatório amplo, caracterizado pela interseccionalidade no próprio reconhecimento da sua complexidade para romper com um fluxo de invisibilidades de nossos corpos feminizados, em múltiplos espaços de representação e dimensões epistemológicas. Exercício fundamental que deve ser reconhecido, num sentido amplo da interseccionalidade congruente à teoria crítica e as suas dimensões de luta política, nos termos de Patricia Hill Collins, em *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social* de 2022⁴, para contarmos nossas histórias de modo dialógico com outras, para propormos outros modos de contar e pensar sobre o campo, numa perspectiva feminista da Arquitetura.

Este percurso reflexivo se relaciona a percepção de como tem sobressaído nas práticas acadêmicas um olhar voltado, quase que unicamente, às consequências de políticas urbanas excludentes, heteronormativas e racistas, deixando de lado aquilo que a socióloga brasileira, Ana Clara Ribeiro em *Danças dos sentidos: na busca de alguns gestos* de 2010⁵, chama a atenção sobre a necessidade de enxergar as potências em instáveis territorialidades. Entendendo que são potências as formas de autodeterminação nos territórios, sejam eles urbanos, de luta, sejam eles institucionais, de pesquisa, para a construção vigilante e *indisciplinada* de exercícios de visibilização e disputa de táticas significativas de resistência e existência como mulheres. De acordo com Rossana Tavares e Diana Helene no artigo *Indisciplina Epistemológica: viradas metodológicas para o campo da arquitetura e urbanismo* de 2021⁶, afirmamos a *indisciplina* por que procura não só advertir sobre a ordem e as normas patriarcais que estruturam o modo de produção capitalista do espaço urbano, como a própria produção do conhecimento, inclusive sobre o modo de contarmos nossas histórias, como se elas não fossem relacionais, coletivas, imbricadas com outras mulheres, com histórias do passado e do tempo presente.

Nesse processo de construção de inversões de perspectivas de nossas histórias, por entre as trajetórias da moradia de mulheres (compreendendo que são relacionais, ou seja, não diz respeito

³ Nosso grupo é composto por estudantes da graduação e pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil (EAU/UFF). A pesquisa é financiada pela FAPERJ (JCNE e IC) e PIBIC/CNPq/UFF.

⁴ Patricia Hill Collins, *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social*, trans. Bruna Barros e Jess Oliveira (São Paulo: Boitempo, 2022).

⁵ Ana Clara Ribeiro, “Danças dos sentidos: na busca de alguns gestos.” in *Corpocidade: debates, ações e articulações*, ed. Paola Jacques (Salvador: EDUFBA, 2010), 28.

⁶ Rossana Brandão Tavares, e Diana Helene Ramos. “Indisciplina Epistemológica: viradas metodológicas para o campo da arquitetura e urbanismo”. *Indisciplinar* 7, no. 2 (January 2022).
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/38147>

apenas a nós arquitetas), mostramos brevemente alguns aspectos sobre nosso trabalho de campo e aproximação com moradoras da região portuária. Além disso, explicamos o modo pela qual chegamos à teoria da reprodução social, para dar tratamento analítico às trajetórias de moradia, e como a experimentação de produção de cartografias associada às trajetórias narradas pelas mulheres, dão suporte para o movimento de inversões de perspectivas sobre nossas histórias. Isto quer dizer, o trabalho significa um movimento em processo de olhar a cidade apenas pela lógica da vida produtiva, heteronormativa-patriacal-capitalista, para iluminar outros fluxos de prática teórica, através da visibilidade da história do tempo presente das mulheres, tomando como ponto de partida o paradoxo da reprodução social na sociedade. Para chegar até a esse ponto é preciso explicar a maneira como nos situamos do ponto de vista teórico-metodológico.

2. Processando inversões

2.1. Notas sobre como nos situamos na pesquisa

É importante ressaltar que esse caminho de investigação adotado dialoga estreitamente com o giro epistemológico descolonial, com vistas a transgredir a colonialidade do saber em nosso território epistêmico de produção do conhecimento. Dentre os processos de transgressão e construção/desconstrução está o movimento de questionar conceitos e categorias eurocêtricas, historicamente à serviço de um projeto de controle e dominação. Quando observamos a realidade urbana e identificamos uma série de elementos significativos sobre a dicotomia entre vida produtiva e reprodutiva, e como isso pauta profundamente nosso problema de pesquisa, muitos fios analíticos se desdobram.

Podemos começar com o próprio conceito definidor da categoria *gênero*. Segundo Maria Lugónes, em *Colonialidade e gênero* de 2020⁷, a criação da categoria "mulher", assim como a invenção da "raça", são criações e imposições socioculturais eurocêtricas, coloniais e modernas que possuem um alcance destrutivo perpetuado até os dias atuais. Por isso, é possível referir-se às mulheres como corpos feminizados, em razão das imposições que cercam a ideia do feminino. E a reprodução dessas ideias está imbricada com o modo de produção capitalista do espaço urbano, já que do ponto de vista da história do capitalismo, o patriarcalismo e colonialismo foram fundamentais para os processos de estruturação e dominação social, cultural e política das mulheres, em que as cidades são também expressão.

Lugónes afirma que diversas comunidades nativo-americanas tribais eram matriarcais, entendendo o gênero de forma igualitária, e a ideia de subordinação, são impostas posteriormente pelo sistema capitalista colonial. A socióloga Oyérónkè Oyewùmi em seu artigo, *Conceituando gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das*

⁷ María Lugónes, "Colonialidade e gênero" in *Pensamentos feministas Hoje: Perspectivas decoloniais*, ed. Hollanda, Heloisa B. (Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020).

epistemologias africanas de 2020⁸, demonstra por sua vez que o estado iorubá não possuía famílias generificadas. Essas categorias não eram um fator decisivo na organização social ou nas relações de poder, demonstrando a importância dessas hierarquias de classe para a existência da colonialidade do poder no qual estabelece o gênero como o principal organizador da hierarquia e opressão existente na família nuclear. Como cita Oyewùmi: "a esposa nunca fica fora do domicílio. Como um caracol, ela carrega a casa em torno de si mesma"⁹. Isto quer dizer que num contexto colonialista, estamos destinadas a viver a partir da lógica e das atividades associadas à reprodução social exercidas no espaço doméstico, mas também no espaço público.

Esse modelo promove a perpetuação de classificações raciais e de gênero entre as quais tem o poder de estabelecer quem são as pessoas autorizadas a produzir e falar sobre conhecimento, por meio dessas relações de dominação e subordinação, que desautorizam as mulheres, de forma geral. Segundo a socióloga Ana Clara Ribeiro¹⁰, as classes dominantes (podemos encarna-las nos homens) sabem manipular as regras dos jogos sociais, dando falsas sensações de autonomia social, reforçando apenas os interesses dominantes e preservando hierarquias sociais e violências simbólicas. Esse é ainda um grande paradoxo.

Por isso, é pertinente, a referência à interseccionalidade como uma dimensão teórica fundamental, pois ela nos auxilia a compreender e a situar pensamentos categoriais (nos termos de Lugónes), na intersecção por exemplo de raça, sexualidade, gênero e condição social, pois define onde se situa os sujeitos em relação ao poder. Para nós, faz sentido operar esse movimento decolonial do saber através do pensamento teórico feminista interseccional para analisar nossa questão de pesquisa, as trajetórias de moradia, já que no percurso não estamos sempre subordinadas ou resistindo. Mas em que medida a acomodação pode ser lida como resistência e não apenas alienação ou subordinação na história do tempo presente? Essa pergunta é inspirada nas indagações de Ribeiro nos orienta em nossas reflexões.

Por meio de práticas diárias e táticas de sobrevivência, mulheres enfrentam preconceitos, afirmam suas identidades sociais e desafiam projetos políticos e urbanos hegemônicos em meio a grandes empreendimentos, estimulados pelo poder público com projetos urbanos "neo-modernos". É negligenciada a participação de classes populares, e privatizam memórias e experiências, causando despejos forçados ou deslocamentos de grupos sociais marginalizados. Contudo, as práticas espaciais das mulheres em suas trajetórias, por um olhar viciado às leituras preconcebidas que corpos contra hegemônicos quando não agem, se alienam, há movimentos, escolhas e táticas de transgressão ou subversão no cotidiano, que escapam à cosmovisão

⁸ Oyèrónké Oyewùmi, "Conceituando gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas." in *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*, ed. Hollanda, Heloisa B. (Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020).

⁹ Oyewùmi, "Conceituando gênero", 5.

¹⁰ Ribeiro, et al. "Por uma cartografia da ação", 49.

patriarcal, num jogo entre visível e invisível. Portanto, dar relevo às trajetórias de moradias através das narrativas, é o modo pelo qual buscamos dar suporte ao aparecimento de memórias e experiências individuais que contribuam para a história do tempo presente, e ao mesmo tempo, sejam exibidas como alicerces de formulações teóricas pertinentes aos estudos urbanos em Arquitetura com vistas a inversões de perspectivas epistemológicas.

2.2. Discussões a partir da reprodução social

Quais pistas teóricas e práticas de pesquisa, os tensionamentos e as lutas cotidianas nos territórios, expressam também os desafios epistêmicos de ir além das identificações das desigualdades de gênero nos estudos em Arquitetura e Urbanismo? Esse é outra pergunta significativa, que nos faz questionar o quanto estamos reproduzindo a ideia de que as histórias das mulheres, e as abordagens teóricas feministas, também são uma especificidade na Arquitetura. E ao mesmo tempo, o quanto estamos aderindo a um pensamento abstrato e desenraizado, nos conduzindo a repetição de uma abordagem desesperançada¹¹, que não nos conduz a perspectivas de transformação social a partir do agir político acadêmico.

De início, nos parece relevante trazer assuntos balizadores com os quais justificam a pertinência sobre a forma como temos conduzido a investigação. *A história do tempo presente e reprodução social* são caminhos teóricos derivados da nossa experiência empírica na área portuária do Rio de Janeiro. O modo que temos articulado a discussão no centro das sínteses surge no sentido de problematizarmos aquilo que se revela essencial na investigação, as *trajetórias de moradias de mulheres* que estão em situação de ameaça ou precariedade social. Caminho que temos percorrido para extrair elementos não só de reflexão acadêmica, mas também de vocalizar conhecimentos (e por que não, teorias) sobre o espaço vivido¹².

Um situação inspiradora aconteceu em sala de aula, quando uma estudante negra de graduação, moradora de um bairro periférico, numa apresentação de trabalho, fez uma reflexão crítica sobre os limites de apenas juntar num mesmo bairro, ou região, grupos de classes sociais diferentes, e os limites quando não se consideram fatores sociais e culturais mais complexos: "estão juntos mas não estão misturados"¹³, só pode ser feito de forma contundente a partir da sua experiência de vida, onde convergem compreensões distintas sobre a realidade urbana, o espaço vivido e Arquitetura, do que nas principais centralidades da cidade, ou mesmo da produção do conhecimento. Esse exemplo nos ajuda a conduzir as reflexões que imaginamos construir.

¹¹ Ribeiro, "Dança dos sentidos", 27.

¹² Henri Lefebvre, *La production de l'espace*. (Paris: Anthropos, 2000).

¹³ Katia Ferreira (Estudante de graduação, EAU/UFF), interação em aula com Rossana Tavares, Maio 15, 2023.

Em aula de Métodos de Pesquisa (Niterói, Brasil), também declarou que reside no bairro da Pavuna, zona norte do Rio de Janeiro, considerado um dos bairros mais pobres e violentos da cidade. Além disso, também fez menção ao fato de ter trabalhado como empregada doméstica.

Queremos dizer com isso que não só as pesquisadoras estão autorizadas a falar, mas essas mulheres também devem ser tratadas como sujeitas da investigação através de suas narrativas. Narrativas que escutamos e interagimos que dizem respeito às contradições sociais e urbanas da área portuária no tempo presente, e de alguma forma das nossas cidades. Neste ponto, começou a saltar aos olhos como a questão da *reprodução social como um paradoxo*, assunto fundamental no âmbito das teorias feministas, passa ao largo dos principais debates acadêmicos e políticos sobre moradia e as cidades, no interior do nosso campo. Assim, começamos a compreender as narrativas de situações vividas, práticas espaciais, experiências individuais e coletivas pelo seu caráter metodológico de possibilidade de articulação analítica com as contradições da reprodução social.

A partir da constatação pelos estudos urbanos e pelas experiências compartilhadas com outras mulheres, que a natureza do trabalho reprodutivo deve ser algo central para desvelar composições inversas de análise e prática. Isto porque, continuamos a reproduzir a ideia de que as cidades precisam ser organizadas fundamentalmente para e pela *vida produtiva*. Essa é a essência da produção capitalista do espaço urbano, da qual se refere Henri Lefebvre, ao longo da história. Dito isso, repetimos a mesma estrutura colonial e capitalista onde as atividades da reprodução social, são desvalorizadas na sua essência, e consequentemente, as figuras historicamente associadas a elas: as mulheres. Nesse sentido, a disputa da nossa importância não precisa passar necessariamente pelo *valor de troca*, porque daí estaremos também à mercê dos interesses neoliberais do capital, quando se reivindica a remuneração do trabalho doméstico não pago (que consideramos também necessário, mas reivindicamos sua mercantilização?). Por isso, vislumbramos que é preciso disputar a perspectiva do direito à cidade, e também a possibilidade de transformar nossa história do ponto de vista epistemológico no campo, através da valorização da *reprodução social* pelo seu *valor social*, e consequentemente, isso ser reverberará no modo de produção do espaço urbano.

Tithi Bhattacharya, em *Mapeando a teoria da reprodução social* de 2023, problematiza como tem sido apontado por teóricas feministas que estamos num momento atual do neoliberalismo, onde não é possível mais falar de uma “crise de assistência” ou uma crise de disponibilidade de dar à luz e criar os filhos, cuidar de amigos e familiares, manter lares e comunidades mais ampla”¹⁴, mas do esgotamento daquilo que concerne as funções reprodutivas sociais. A fragilização de políticas e ações assistenciais e de provimento de direitos sociais básicos, vinculados basicamente às atividades reprodutivas da família, de responsabilidade das mulheres, é experimentado de modo brutal na base da pirâmide social brasileira, nos últimos anos, e representa grande parte dos rearranjos cotidianos necessários para sobrevivência de grande parte

¹⁴ Tithi Bhattacharya. “Mapeando a teoria da reprodução social” in *Teoria da reprodução social: remapeando a classe, recentralizar a opressão*, ed. Tithi Bhattacharya (São Paulo: Ed. Elefante, 2023), 32.

Aqui a autora faz referência essencialmente ao pensamento de Nancy Fraser.

da população pobre, sobretudo, as mulheres. Por essa razão, reinventar a distinção entre produção e reprodução, nos convoca a reimaginar como entendemos gênero¹⁵, e como reinventaremos as cidades. Por que nossa questão é, que se relegaram a esfera doméstica às atividades reprodutivas, atestamos o necessário reconhecimento do seu caráter público. Para nós, neste reconhecimento que reside a possibilidade de reimaginação das ordens das coisas, do rompimento com a generificação do espaço urbano, na sua dimensão ampla e articulada entre o público e o privado.

3. Sobre diálogos da trajetória das mulheres na área portuária carioca

No âmbito das instáveis territorialidades, conforme Ana Clara Ribeiro (2010), e de rearranjos continuados da vida cotidiana em função da precarização da vida, que realizamos o exercício de escuta e visibilização das táticas de mulheres da área portuária, na busca por torná-las mais vivíveis. Num movimento de troca com a academia, através da realização de uma pesquisa extensionista¹⁶, buscamos gerar um movimento de inversão de perspectivas, num gesto de “virada de mesa” - viradas epistemológicas¹⁷. Entretanto, mesmo diante das expectativas, esse movimento é desafiador desde do caminho da aproximação de campo à empiria pelas atividades de extensão.

A proximidade com a área portuária do Rio de Janeiro pela militância e através de trabalhos acadêmicos e de assessoria¹⁸, é um elemento positivo na construção do trabalho. Em 2022, iniciamos parceria com a professora Isabel Cardoso da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e equipe de estudantes, através do Projeto Dialogi(cidade)¹⁹, onde conseguimos integrar atividades extensionistas e de pesquisa. Um dos

¹⁵ Nancy Fraser. “Crise do cuidado? Sobre as contradições socioreprodutivas do capitalismo contemporâneo”, in *Teoria da reprodução social: remapeando a classe, recentralizar a opressão*, ed. Tithi Bhattacharya (São Paulo: Ed. Elefante, 2023), 68.

¹⁶ A atividade de extensão nas universidades brasileiras refere-se ao tripé ensino-pesquisa-extensão, como base fundamental para o cumprimento de sua função social, visando à difusão, o compartilhamento e a troca dos conhecimentos acadêmicos produzidos com a população. Esse processo de inserção social permite tanto uma maior aproximação com a sociedade, como permite que a sociedade contribua com os avanços científicos no âmbito da universidade.

¹⁷ Tavares e Ramos, “Indisciplina Epistemológica”, 236.

¹⁸ Rossana B. Tavares trabalhou como educadora popular na ONG FASE e também em assessorias o que permitiu se engajar e contribuir na articulação social e política contra violações de direitos humanos na área portuária, desde o início da implementação do Projeto Porto Maravilha na área portuária do Rio, em um período em que a gestão pública preparava a cidade para os chamados Megaeventos Esportivos (Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016). Essa experiência no Fórum Comunitário do Porto e Comitê da Copa e Olimpíadas, foi significativo para a pesquisa de doutorado que trata, entre outros assuntos, do processo de resistência das mulheres na Favela da Providência, localizada em um dos bairros portuários.

¹⁹ Projeto Dialogicidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pela professora Isabel Cardoso, em parceria com nosso grupo Urb.ANAs/GPDU/UFF, onde foi possível integrar nossa pesquisa financiada pela FAPERJ

grandes objetivos do trabalho extensionista era o “exercício da criação coletiva de metodologias dialógicas de ação-reflexão e síntese, fomentadoras de redes de cuidado, proteção e reivindicação de direitos, a partir de estratégias articuladoras dos saberes, das vivências e práticas populares, acadêmicas, profissionais e institucionais”²⁰. Estabelecemos um vínculo institucional e afetivo com um grupo de mulheres através de uma associação cultural no bairro da Gamboa, onde a equipe da UERJ já vinha realizando atividades desde 2020/2021. A dinâmica de participação nas atividades do projeto foi a de integrar as rodas de conversas que aconteciam todas as quartas-feiras, chamadas de *Roda de Mulheres Multiplicadoras*, onde podiam participar mulheres beneficiadas por projetos sociais da associação, e convidadas que fossem residentes da região. Nas rodas transitavam temas que envolviam as redes públicas e sociais de apoio e cuidado, direito à moradia, problemas sociais e urbanos, participação popular, etc. Através de debates, vídeos, documentários e leituras, havia momentos expressivos e valiosos de conversas, mas também de desabafos das mulheres sobre suas trajetórias, opiniões, dúvidas, angústias e aprendizados através do projeto. Grande parte do grupo eram de mulheres negras, mães, moradoras de ocupações²¹ em edifícios antes abandonados (galpões, prédios públicos) ou antigos casarios dos bairros portuários. Houve reencontros com mulheres quando da nossa atuação entre 2010-2014²², cujas trajetórias de moradias perpassam pelas ocupações em imóveis vazios e abandonados pela cidade ou mesmo no bairro, e outras, residentes há alguns anos na região.

Durante quase 1 ano, pudemos escutar e trocar muitos aprendizados que resultaram grande parte de nossas reflexões aqui compartilhadas, na busca por novas imaginações e invenções acadêmicas indisciplinadas. Contudo, vamos nos deparando com possibilidades e também limites no processo.

e CNPq. No âmbito da UFF, também formalizamos nosso trabalho de campo, como projeto extensionista, intitulado *Corpos e práticas espaciais e os conflitos urbanos e socioambientais generificados nas centralidades da metrópole do Rio de Janeiro* (PROEX/UFF 2022).

²⁰ DEPEXT - Departamento de Extensão. *Dialogi(cidades): compartilhando saberes e práticas entre Serviço Social, territórios populares e a luta pelo direito à cidade*. Projeto cadastrado por Isabel Cardoso. no.6403 (2022), 3.

²¹ Termo utilizado no Brasil para designar prédios antes vazios e abandonados, atualmente ocupados por inúmeras famílias, com fins de moradia.

²² Isabel Cardoso e Rossana B. Tavares fizeram parte do Fórum Comunitário do Porto (FCP) junto com outras lideranças, pesquisadoras, técnicos e moradores e moradoras da região portuária, em especial da Favela da Providência. O FCP foi um grupo importante há época para resistência contra os despejos forçados por conta do Projeto Porto Maravilha, conhecido como um projeto de “revitalização” urbana da área.

Possibilidades porque nos empenhamos para estabelecer empatia e cumplicidade entre nossos corpos feminizados nesse diálogo, e foi sendo revelado o quanto se conquistou individualmente por cada uma, em suas histórias e trajetórias particulares e coletivas destas mulheres e no próprio processo de pesquisa, cuja compreensão foi sendo elaborada na escuta dos múltiplos paradoxos nas trajetórias de moradias. E é surpreendente o quanto ficou palpável o entendimento acerca das viradas e inversões protagonizadas pelas mulheres. Isto é, onde deveria se impor os resultados de políticas excludentes e apartação social, conquistam “rápidas inversões de sentido das interações sociais, do desarranjo de regras e de desvios inesperados das rotinas urbanas”²³. Sem romantizar as vidas frente às precariedades urbanas e sociais vivenciadas que atravessam seus corpos e existências, a percepção delas sobre a importância de suas histórias para a luta pela moradia adequada, e também como caminho para refletir sobre a sua própria realidade, é revelador da potência destes corpos feminizados, lidos como desviantes por grande parte da sociedade. O atravessamento de preconceitos associados ao gênero, raça, monoparentalidade



Fig. 1 Fotos digitalizadas de atividades em campo na área portuária. Colagem de lambe-lambe sobre direito à moradia por pesquisadoras e moradoras.

Fonte © Aatoria Coletiva/Urb.ANAs/Dialogi(Cidade) (2022).

²³ Ribeiro, “Dança dos sentidos”, 28.

familiar, condição social e de moradia, as tornam estranhas, à margem, e impõe um estigma de destino “sem saídas”, e sem consciência das contradições vivenciadas.

Desafios porque primeiramente o grupo de mulheres que tivemos contato, precisou ser interrompido. Essa interrupção diz respeito, entre outros fatores, à compreensão dos limites do grupo diante da profunda vulnerabilidade social e condições de vida que cada uma das mulheres, moradoras da região, precisam lidar, inclusive, na ponderação que necessitam fazer na relação com instituições sociais, e também com a universidade. E de nossa parte, também temos avaliado a importância de decantar as experiências em campo e realizar sínteses e análises mais demoradas de todo o processo, sobretudo, diante do que se atravessa na interrupção.

Fomos afetadas pelo que foi experimentado no trabalho empírico. Contudo, há algumas avaliações pertinentes sobre o nosso papel: as contradições problematizadas da reprodução social vivenciadas por elas, foram colocadas na Roda porque estabelecemos um diálogo que favoreceu essa troca. Não que o que elas narraram já não fosse evidente. Porém, são falas que não transitam com facilidade pelo seu cotidiano, já que não fazem parte de movimentos de moradia ou residem em ocupações organizadas por estes movimentos sociais onde assuntos sobre direitos sociais, por exemplo, são mais comuns. Não seriam nem naturais para elas e nem para a escuta do corpo acadêmico da Arquitetura, representado por um significativo déficit de atenção sobre a vida e a perspectiva das mulheres. Uma “distância, que pode ser nutrida por moralismo, [...] impede a percepção de micro conjunturas propícias a resistências à ação dominante, quando pode frutificar a criatividade que contraria a simbologia da dominação”²⁴.

Frente aos *desafios e possibilidades* que se impuseram, um dos mecanismos importantes foi de pensar as cartografias sociais como método²⁵, como um instrumento de síntese de nossa experiência na área portuária, “para manifestar o sujeito e suas ações, e não espacialidades e temporalidades predefinidas”. Assim, produzimos 4 mapas que identificam informações sobre a região entre os quais retratam narrativas advindas da Roda. Consideramos como parte do conjunto de sistematização cartográfica, os mapas, as falas destacadas e a caracterização textual. É um conjunto que também procura registrar aspectos transdisciplinares e transescalares, ultrapassando a dimensão bidimensional e distanciada das cartografias e mapeamentos tradicionais, também como forma de aproximar a leitura sobre o território neste artigo, através das imagens.

Como cartografar justaposições interacionais espaciais e, simultaneidade descontínuas, histórias em curso? A pergunta que a geógrafa Doreen Massey nos ajuda formular em *Pelo Espaço: uma*

²⁴ Ribeiro, “Dança dos sentidos”, 38.

²⁵ Ana Clara Ribeiro, et al. “Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método”, *Cadernos IPPUR*, no. 1, (Jan/Abr 1986), 44.

nova política da espacialidade de 2008²⁶, contribui para pensar essa correlação entre o que é possível caracterizar no território como pesquisadoras, com as experiências e narrativas do grupo²⁷, e de algum modo exercitar a relação entre os territórios urbanos e a reprodução social.



Fig. 2 Cartografia sobre as trajetórias de moradia – narrativas e imagens.

Fonte © Rossana B Tavares (2023).

²⁶ Dorren Massey, *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*, trans. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008), 163.

²⁷ Os nomes das autoras das frases são fictícios para resguardar o anonimato.

- Eu já passei por muita ordem de despejo (Carla)

Sobre direito à moradia: As resistências e lutas individuais e coletivas pelo direito à moradia, confrontando as remoções forçadas passam por ordens de despejos acionados por proprietários com respaldo de grandes projetos urbanos - Porto Maravilha, como pela gentrificação dos bairros, encarecimento do custo de vida e violências de gênero. A violação ao direito à moradia das mulheres periferizadas diz respeito à própria vulnerabilidade de ser mulher em contexto urbano de grandes disputas e conflitos sociais que vem degradando sensivelmente suas condições de vida

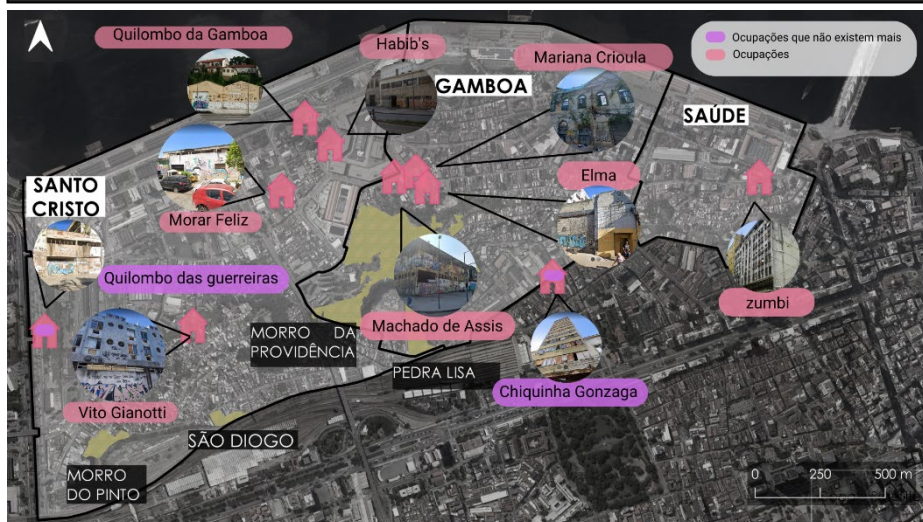


Fig. 3 Cartografia sobre direito à moradia. Fonte © Livia Sacramento e Mariana Pio (2023).

*- Pra onde eu vou com minha neta? (Maria)*²⁸

Funções reprodutivas: Equipamentos sociais e urbanos, comércios e serviços, mobilidade urbana, que fazem parte da rede de apoio às atividades da reprodução social. A oferta de escolas, de postos de atendimento à saúde primária, hospitais, assistência social, mercados, padarias, farmácias, pontos e estações de trem, metrô, VLT e ônibus, a distribuição no território, assim como, os relatos demonstram as dificuldades enfrentadas no dia-a-dia das mulheres moradoras da área portuária que dependem essencialmente de serviços públicos ou mesmo de iniciativas não-governamentais de assistência social e apoio às famílias na região. O mapa mostra a oferta, mas na prática representa ainda um déficit pela qualidade, limites de atendimento, ou pelo número reduzido de comércio e serviços acessíveis a renda familiar, e sistema de mobilidade com tarifas elevadas que priorizam a lógica turística e conexões metropolitanas.

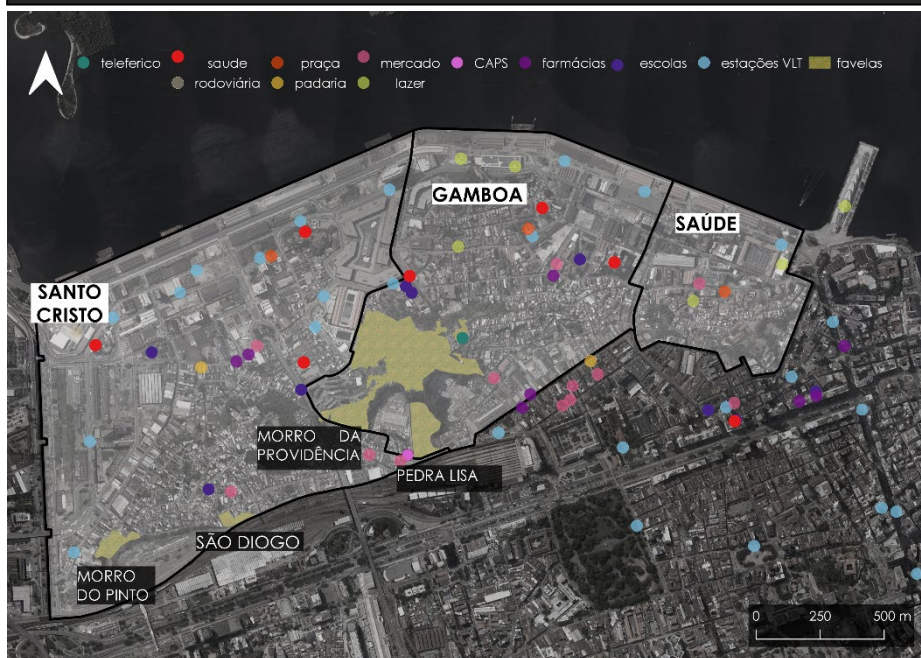


Fig. 4 Cartografia sobre funções reprodutivas. Fonte © Livia Sacramento e Mariana Pio (2023).

²⁸ Fala que remete a indagação a um médico que prescreveu a neta de uma das mulheres da Roda de Mulheres Multiplicadoras, a mudança de moradia e bairro para a melhoria da sua condição de saúde, que estava debilitada justamente pela exposição a infecções bacterianas por conta das condições inadequada de moradia nas ocupações e do contexto urbano.

- *Nós construímos o mundo que eles vivem e nós nas favelas e ocupações (Jurema)*

Grandes projetos urbanos - Porto Maravilha: Investimentos, operação urbana consorciada expressas no modelo de mobilidade urbana, nos projetos arquitetônicos e mudanças nas formas de ocupação e uso do solo. Mudança que não se limita a paisagem urbana, mas que transforma a relação das moradoras com o território e estrangula as atividades vinculadas ao trabalho tanto reprodutivo como remunerado. A precariedade que atravessa as práticas espaciais é marcada pela informalidade do trabalho e pela dificuldade de acesso às estruturas e serviços básicos para a vida urbana.

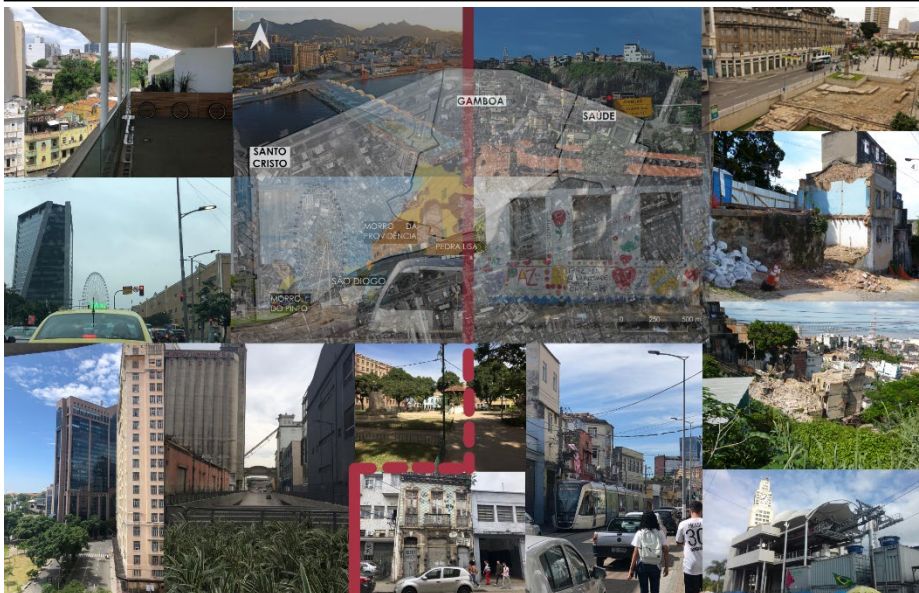


Fig. 5 *Cartografia sobre grandes projetos urbanos.* Fonte © Rossana B Tavares (2023).

4. Invertendo perspectivas através da reprodução social: notas conclusivas

As convergências entre essas múltiplas trajetórias revelam questões a serem problematizadas nesta nossa síntese. Parte desse grupo é muito vulnerável a diversos tipos de violência, e grande parte das trajetórias que são desenhadas são atravessadas pelo medo, num senso de preservação de si e de seus filhos, em especial, em contextos urbanos de violências, além daquelas em contexto doméstico. Outro aspecto que nos chama a atenção é o receio de “ficarem sozinhas”, um sentimento que passa pelo sentido de sobrevivência. Isso não é novidade para as mulheres, se estudamos a história e se olharmos para o lado... Entretanto, essas trajetórias nos revelaram questões que nos fazem refletir sobre as políticas públicas urbanas e de moradia no tempo presente. Frente às desigualdades enfrentadas entre a *vida reprodutiva e produtiva* na cidade do Rio de Janeiro, e aspectos que implicam o *físico-social*, nos termos de Bhattacharya, sobretudo,

se estamos considerando a natureza de ambos os trabalhos. Ademais, dois aspectos preponderantes, a natureza do trabalho informal e precarizado, e a monoparentalidade na biografia familiar.

Refletindo a partir das trajetórias deste grupo de mulheres, muitas passaram por diversas ocupações com evidente inadequação e precariedade habitacional. A luta “eterna” travada por elas, confrontando governos e proprietários/posseiros, “donos do lugar”, fazendo reparos e gastos, ganham seu espaço a pouco custo, aos olhos de quem vê, e não de quem vive ou gasta seus recursos para ter, mesmo que provisoriamente, um lugar para chamar de casa. Sucessivas surpresas, acomodações e resistências inimagináveis a elas, mas reconhecidas como significativas ao partilhar suas histórias, na busca por uma vida melhor, ou mais vivível, para si e os seus.

A maioria nem fazia ideia de como seriam seus dias em cada lugar de acomodação, apenas traçaram suas trajetórias para onde conseguiam e podiam. Talvez em busca de novos recomeços, esses que nunca poderiam apagar o passado, mesmo sabendo que a cada passo uma consequência, essa que forma um escudo firme e maleável ao mesmo tempo. A cada trilha um vínculo e tantas voltas as trouxeram para um pequeno bairro localizado na área portuária, centro do Rio, que transparece os interesses do capital imobiliário, numa briga entre as histórias do passado e do tempo presente, num lugar tão significativo para a cidade do Rio. Um suspiro de esperança, de viradas, ou só o cansaço de mais um longo recomeço. O déficit e a precariedade da rede pública de assistência social, psicológica e educacional, assim como de uma política urbana e de moradia, ainda presa a lógica familista - de uma família tradicional heteronormativa, que atua de modo a transferir para as mulheres a tarefa de serem os “pilares da sociedade”, e encarnarem o papel de responsabilidade de encontrar saídas para a pobreza geracional²⁹. Quem está iluminando essas histórias e trajetórias sem espetacularização midiática? Sem que seja um meio de manter políticas assistencialistas estruturadas no familismo?

O que liga e conecta as histórias dessas mulheres com as reflexões que estamos assumindo é a *continuidade*, mesmo em condições de risco nas ocupações, o suporte e apoio de outras mulheres e famílias são essenciais para continuar suas vidas em justaposições de práticas e relações marcada pela interseccionalidade das opressões, e escapando. O isolamento é sempre algo a escapar nas trajetórias, o que vai contra as premissas da família tradicional, onde a mulher precisaria se manter isolada no espaço doméstico. Diante de políticas urbanas segregacionistas, o isolamento em periferias longínquas também é uma preocupação. Por isso, muitas preferem se arriscar a ocupar imóveis vazios em bairros mais centrais, sendo possível apenas através de suas redes familiares, de amigas ou vizinhas. Optaram por sair de suas cidades, distantes de

²⁹ Oliveira, Eduardo Lopes; Marques, Angela Cristina S. “Familismo, patriarcado e empobrecimento feminino na comunicação pública do governo sobre o Programa Bolsa-Família”. *Anagrama*, [S. l.], v. 13, no 2, (2019), 1-21. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2019.157549.

grandes centros urbanos e aterrizam na região central do Rio de Janeiro. Isso significa grandes movimentações.

Algo que chama a atenção é o fato de que, mesmo indiretamente através das falas, é possível concluir que a coabitação familiar, ou por outros arranjos sociais, seria uma das dissoluções a fim reduzir a vulnerabilidade social sistêmica a que estão sujeitas. De modo geral, o aumento da monoparentalidade compõe uma realidade na contemporaneidade quando se evidencia a diminuição do número de pessoas no interior das famílias. Entretanto, é possível analisar que em favelas do Rio de Janeiro, e bairros mais pobres, nos últimos censos do IBGE³⁰, há significativo aumento de famílias chefiadas unicamente por mulheres. Um contexto em que é necessário acionar mais as redes de apoio (vizinhas, amigas, etc.), à medida que as famílias diminuem ou estão sozinhas.

Com estas moradoras da região portuária do Rio, vimos o quanto a questão da coabitação precisa ser complexificada, pois do ponto de vista das políticas urbanas, a encaramos como um dado aspecto do déficit habitacional qualitativo no país. É preciso levar em consideração, nesse sentido, que as mulheres continuam ganhando menos que os homens, e com isso, mais suscetíveis a viver em condições inadequadas. Em outras palavras, analisando por uma perspectiva não heteronormativa de família, a coabitação deveria ser considerada nas políticas de moradia popular, como uma categoria também positiva, uma solução transgressora à família mínima, com uma casa mínima, numa lógica de vida extremamente individualizada e empobrecida. Do ponto de vista das mulheres, esse arranjo parece fazer sentido pelos desafios sociais impostos pela produção capitalista do espaço urbano e a consequente desigualdades de gênero, que evidentemente se reproduz nos projetos e planejamento urbano.

Um caminho poderia ser a melhoria das condições de moradia para garantia da coabitação adequada sob a ótica arquitetônica, com intuito de criar possibilidades de outros arranjos familiares às mulheres, para além da família heteronormativa, ou da monoparentalidade isolada. Isso deveria ser avaliado não só em políticas de produção habitacional, mas também no debate mais amplo sobre desafios da *reprodução social* em escala urbana, por exemplo.

Mesmo residindo em um bairro central da cidade do Rio de Janeiro, essas mulheres enfrentam os problemas das grandes periferias da metrópole carioca. Isso também nos faz refletir o quanto a dimensão de corpos feminizados e periferizados são determinantes para as suas trajetórias de moradia como mulheres, independentemente da sua localização. A segregação do espaço atravessa de modo paradoxal a vida urbana, pois não podemos ignorar a generificação interseccional do espaço vivido, onde centro também pode ser periferia, e vice-versa. O corpo se torna território e assim faz sentido as cartografias sociais para ressignificação do olhar sobre a cidade, em que a dimensão do corpo precisa saltar aos olhos. E é por esse caminho que seguimos.

³⁰ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, órgão do Estado brasileiro responsável pelo censo no país.

Referências

- Bhattacharya, Tithi. Mapeando a teoria da reprodução social” in *Teoria da reprodução social: remapeando a classe, recentralizar a opressão*, editado por Tithi Bhattacharya, 17-44. São Paulo: Ed. Elefante, 2023.
- Collins, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social*. Traduzido por Bruna Barros e Jess Oliveira. São Paulo: Boitempo, 2022.
- Ferreira, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Petrópolis: Cultura Vozes, 2000.
- Ferreira, Marieta de Moraes. “Demandas sociais e história do tempo presente” in *Tempo presente & usos do passado*, org. por Flávia Varella et al., 101-24, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.
- Federici, Silvia. *O patriarcado do salário*. Traduzido por Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2021.
- Fraser, Nancy. “Crise do cuidado? Sobre as contradições socioreprodutivas do capitalismo contemporâneo” in *Teoria da reprodução social: remapeando a classe, recentralizar a opressão*, editado por. Tithi Bhattacharya, 45-70. São Paulo: Ed. Elefante, 2023.
- Kilomba, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.
- Lefebvre, Henri. *La production de l'espace*. 4a Edição. Paris: Anthropos, 2000.
- Lugónes, María. “Colonialidade e gênero.” in *Pensamentos feministas Hoje: Perspectivas decoloniais*, editado por Heloisa B Holanda, 52-83. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.
- Massey, Doreen. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Traduzido por Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- Oliveira, Eduardo Lopes; Marques, Angela Cristina S. “Famillismo, patriarcado e empobrecimento feminino na comunicação pública do governo sobre o Programa Bolsa-Família”. *Anagrama*, [S. l.], v. 13, no 2, (2019), 1-21. doi: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2019.157549.
- Oyewùmi, Oyèrónké. “Conceituando gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas.” in *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*, editado por Heloisa B Holanda, 83-95. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- Ribeiro, Ana Clara, Amélia Rosa Sá Barreto, Alice Lourenço, Laura Maul de Carvalho Costa e Luis César Peruci do Amaral. “Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método”, *Cadernos IPPUR*, Ano 1, no. 1, (Jan/Abr 1986), 33-52.

- Ribeiro, Ana Clara. “Danças dos sentidos: na busca de alguns gestos.” in *Corpocidade: debates, ações e articulações*, editado por Paola Jacques, 24-41. Salvador: EDUFBA, 2010.
- Sarmiento, Laura, Rossana Brandão Tavares e María Novas. *Gestión feminista del hábitat: reflexiones desde la piel doméstica al desafío de la existencia*. Córdoba: Centro de Investigaciones y Estudios sobre Cultura y Sociedad, 2022.
- Tavares, Rossana Brandão e Mariana Galacini Bonadio. “Ao Encontro do Corpo: Teorias da Performatividade para um Debate Diferencial sobre Espaço Urbano.” *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, (May 2021): 1-24. doi.10.22296/2317-1529.rbeur.202115.
- Tavares, Rossana Brandão, e Diana Helene Ramos. “Indisciplina Epistemológica: Viradas metodológicas para o campo da arquitetura e urbanismo”. *Indisciplinar* 7, no. 2 (Jan 2022): 232-77. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/38147>.